

## 7 Poemas de Beatriz Alcântara

### Enigma do Artista

*Beatriz Alcântara*

O vermelho não seria  
    um espelho  
    do executivo  
se não houvesse a gravata  
    agravativa  
de flores vermelhas  
em bravata.  
As mãos não seriam  
    tão amarelas se  
punhos, colarinho e camisa  
não formassem um elo  
    em duelo  
    canarinho  
com o verde da moldura.

Do enigma circunjaz  
quem se aventura  
a verificar a pergunta:  
- O que faz a cabeça  
    que não se junta,  
    que não se compraz  
em totalizar  
o retrato do artista?

# Ver o Mundo

*Beatriz Alcântara*

queria correr o mundo  
com botas que não pesassem  
e só depois de muito cansada  
escorregar sentada  
de encontro a um muro  
a espiar o vulto do nada  
e fechando os olhos  
ficar apenas na fresca da tarde  
a respirar  
e não pensar

# Arganil

*Beatriz Alcântara*

\_\_\_ Quero as vinhas avermelhadas  
o sino no campanário a tocar casamento  
a doidinha de Avô a meter medo  
as brincadeiras no Jardim Condessa das Canas.

\_\_\_ Quero as andorinhas voando rasteiras  
na tarde abafada e rubra  
o cheiro forte da mata  
a sopa de feijão-verde a fumeigar.

\_\_\_ Quero o milho-rei na desfolhada  
mergulhos no rio Alva  
a casa do Sapatinho cheia  
com risos no espelho de Veneza.

\_\_\_ Quero a Feira do Mont'Alto  
as músicas do Zé Carlos ao piano  
o cheiro de terra úmida  
nas comédias da cave das batatas

\_\_\_ Quero ainda as náuseas na aurora  
sobre óleo de rícino com café  
mas quero não menos  
amar no amanhã os vestígios do presente.

# Nada a Declarar

*Beatriz Alcântara*

Solidão.

Solidão.

Solidão.

Ah! Caim!

Como é difícil

Viver sem a outra

Que matei dentro de mim.

# **Intromissão**

*Beatriz Alcântara*

Como um cachorro vadio que entra inesperadamente  
numa fotografia  
vejo o tempo invadir meu corpo e dizer que a  
maturidade chegou  
vejo a sensatez apoderar-se de minha  
alegria e dizer acabou.

# Dia de Aprender

*Beatriz Alcântara*  
18.01.2001

Na queda das Torres  
ventre da economia mundial  
aprendi a Paz  
de cabeça para o chão  
a pensar que me confundi  
entre o meio e o final  
do filme de ação.  
Aquele dia onze  
amanheceu como terminou  
nu  
para todos os viventes  
nos quatro cantos do mundo  
todos eles acordados.  
Sem parentes nem amigos  
perdidos  
enlutei-me a semana inteira  
no pesadelo das  
quedas voando em vestes  
na errância da fuga  
fogo  
água  
poeira  
torvelinhos de poeira  
escuridão  
e o medo de  
descobrir que ainda se vivia.  
De noite, na minha cama  
alma e nervos em guerra  
respiração no pescoço  
tosse seca e  
um silêncio perverso

engolia tudo até o osso.  
Rezo com devoção  
por mim, por todos os vivos e os mortos  
pela humanidade perdida.  
Onde está o pássaro branco?  
Só aviões povoam as imagens  
e meu imaginário  
sobre as chamas enevoadas daquele barranco  
de cimento e vidros  
esquadrias fitando a agonia  
de gente desfeita  
sem mortalha.  
Quero lembrar o pássaro branco  
aquele que num dia de sol  
pousou  
o ramo de oliveira no bico  
mensageiro da união  
entre céus e terra.  
E os homens de boa vontade?

(publicado no **Brazilian Times** Boston-USA, novembro de 2001)





na confusa façanha  
fechada  
à lógica dos matemáticos,  
dos físicos,  
e seus afins,  
sem verdades concretas  
espontânea,  
no desvio,  
na voracidade  
das entranhas em estado de vulcão  
- capitular da carne -  
como um bem ao espírito.  
Do amor,  
comenta-se ser  
visita sem dia,  
passeio entre os ângulos da repressão,  
subversão à ordem universal  
das paralelas,  
que junto a si passam  
ignoradas,  
desarticuladas  
como o fim do novo  
do eterno não e sim.